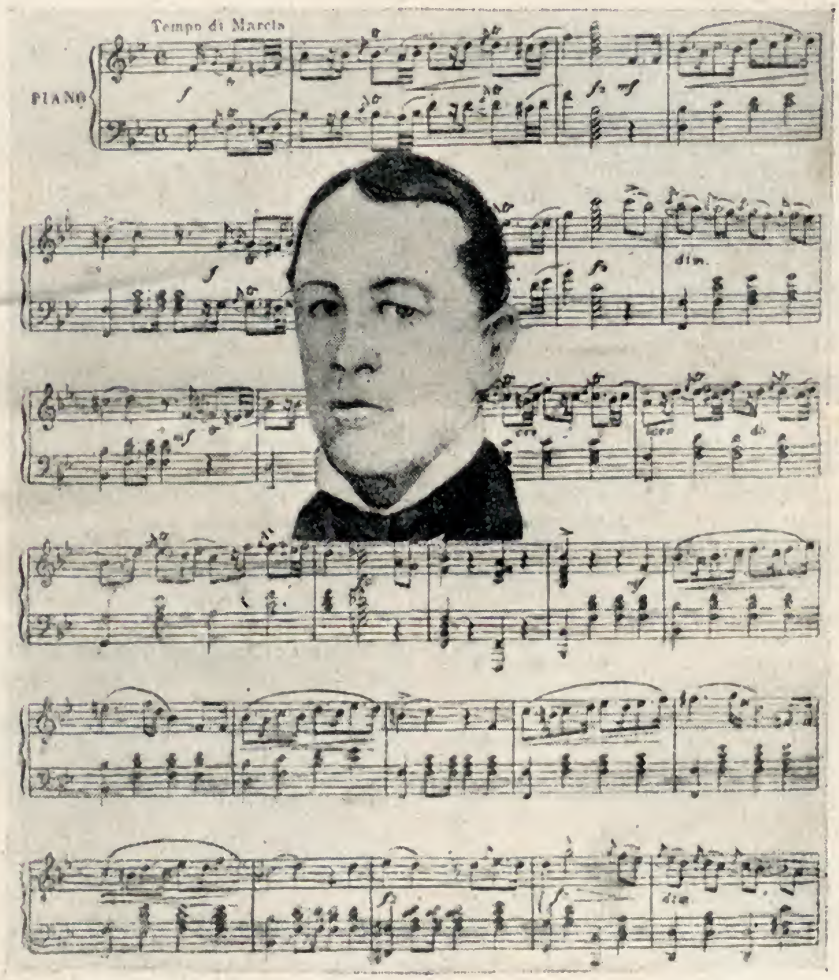
RESENHA MUSICAL

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA — Caixa Postal, 18 — ARARAQUARA

Ano II | ARARAQUARA, Novembro e Dezembro DE 1939 | NS.14 e 15-16

Hino Nacional Brasileiro



Francisco Manuél da Silva

21 — 2 — 1795 — 18 — 12 — 1865

"Nacionalizai, instrui e educai pelo idioma e pela musica do Brasil" — M. F. A.

Demopsicologia do Samba *

Dr. Dalmo Belfort de Mattos
da Faculdade de Direito de S. Paulo

(Conferencia realizada no Salão Nobre do Colegio Stafford, em S. Paulo, a 12-9-939)

Exma. Sra. Diretora.
Demais Membros da Diretoria.
Minhas Senhoras.
Senhores.

Devo falar-vos sobre algo de literario, algo de leve — mixto de cromo e de conferencia -- que seja, ao mesmo tempo, futil como uma palestra de Gremio. E sisudo, qual uma aula massante de Ginásio.

E tudo isso num Colégio, onde cursei o preliminar. Onde recebi as primeiras noções de literatura, através das palavras de minha Mãe e Professora...

Falarei, pois, sobre a psicologia do samba. Assunto atual, que sôa bem aos ouvidos habituados ao rítmo trepidante do «Eu gosto muito de cachorro vagabundo». E que será agradavel aos olhos, que acompanharam, mares em fóra, a «tournèe» da «Potatoe-girl» aos palcos do Tio Sam...

***

O samba... Palavra-evocação. Vem do subconsciente o rumor de chocalhos batendo. O som de pandeiros e tamborins. Ouve-se, num *crescendo*, o rufar de palhetas, ranger de cuícas, gritos desencontrados como alertas. E depois, o ritmo sincopado do «binario simples», sacolejando membros suados de morenos...

E surge a Favéla. Não a Favela real, que se empina por traz da Praça Onze. Não a Favéla dos barracões esparsos pelos declives asperos do morro — dos barracões feitos de lata, dos botécos cheirando parati.

Uma Favéla estilisada, como um cenario de Hollywood. Uma Favéla de seresteiros romanticos, olhando para o mar, do alto do mirante. Ou vendo fugir as «litorinas» da Central, ao pé do morro. E choram a mulata que se foi...

Palavra-símbolo. Que indica, para uns, como Plinio Salgado, a «alma do Paíz, que está cantando». E que constitue para outros, como Marcello Tupynambá, méra forma local de música popular, que se quer falsamente generalizar.

Ródas de bambas, sarambas, bamboleando em sarabanda:

O samba é a corda,
E eu sou a caçamba:
E não acredito
Que haja moamba,
Capaz de fazer
Eu gostar de você...

***

Que é o samba, afinal? Chôro de uma raça vencida, ou gargalhar festivo de malungos em *bambulas* de primavera, nas cubatas de Niger?

Não sei. E' uma expressão complexa de complexos recalcados. Filia-se á linha melodica dos *folk-dances* africanos. A mesma vibração instintiva dos maracatús, frêvos e côcos, cucumbís e lundús. A mesma monotonia. A mesma pobreza orquestral. O mesmo predominio dos membranofones, que lembra *coon-songs* e *espirituais* da Luisiania.

A mesma pobreza de inspiração, que Burchell-Bachpins encontrou na música afro-americana. A letra reduzida a farrapos de frases, quando não se repetir de simples estribilhos.

A observação é de Krahbiel em seu «Afro-american folk-songs». Mas vale tanto para o langôr «colored» de um *slonw-fox*, como para a melodia «swing» de um jazz ou o sincopado de um samba carioca.

Mas ele se diferencia das outras músicas da alma escravisada. Não tem a ternura de um »Baby», soluçado pela garganta negra de Al Jonhson. Nem o nervosismo recalcado de um «Picolino», ou o estrupido da rumba, que retumba. Nem a nostalgia dos cantos creoulos de Haiti.

Nem a Argentina o conheceu. A propria *zamba* pampeana é muito diversa, traduzindo a pische hispano-guarany do «gáucho-maula».

E o samba retrata o meio que nasceu. Surgiu dos macambos de negros nas praias do Valongo. Riu-se dos granadeiros do Brasil-Reino. E ganhou a faixa luso-africana do litoral nordestino, em 1850.

Lá, retraçou o ondear das palmeiras, a vida vazía dos largos dias de mormaço, os bamboleios da rêde, o preguiçar das tardes tropicais ..

«...Vadeia, *cabuculinho*,
Sou feito no *vadiá*...»

Espalhou-se. Popularizou-se. Assumiu até a significação de bailarico rural, no Ceará.

Quem o diz é Gustavo Barroso, em sua «Terra de Sol»:

«Os divertimentos do sertão, exceptuando-se os *sambas*, festas de aniversário e casamentos, têm sempre um pretexto religioso. Nos *sambas* tocam-se quadrilhas, valsas, polkas e schottisches...»

E o samba moldouse ao meio das vaquejadas e apartações, das ferras e dos bumbas-meu-boi. E' o samba que canta nos versos de Catullo da Paixão Cearense:

— Entre as nuve de poeira
A cabôca paricia
Taliquá uma nuvia,
Saindo dos capuerão,
Doida, ás tonta, e ás marrada,
Fugindo entre os ispinhêro,
Dum valente boiadeiro
Pulos mato do sertão...

Mas este, não é o verdadeiro samba. E' uma adaptação. O samba de verdade é o samba rasgado, o samba do morro. O samba dos embarcadiços e das «roxas» do Salgueiro, tripudiando no «Terreiro Grande», ao som de marimbas e ganzás.

E' lá que deve ser observado em sua psicologia natural e impulsiva. Retratando a grande igualdade africana. Aquela impulsividade, que o Pe. Aupuis observou entre os dahomeyanos, para os quais a música abole convenções e regras de etiqueta. Transformando o corpo numa unica peça, a agitar-se em tremores e sincopas, a desconjuntar-se em remeleixos.

— Quem bate, pela porta da frente,
E' de casa, póde entrar...
Quem bate, pela porta do fundo,
E' do samba, venha sambar...

***

Vamos surpreende-lo em seu «habitat». E' tarde. O *bond* da Praça Onze deixa o ponto cheio de notivagos. Vai rodando e mostrando: instantaneos da Avenida Beira Mar, a fisionomia amiga da Igreja da Lapa, atarracada e imprecisa, entre dois lampeões. Os arcos tradicionaes, erguidos ao tempo dos Vice-Reis, antigo pouso de mendigos, de ciganos e granadeiros, hoje suporte da Linha de Aguas Ferreas...

Agora, é a Rua do Lavradio, com seus bares boêmios, seu casario encardido e pobre, manchado pelas goteiras...

Sobem mais passageiros. Soldados, Guardas da policia especial, de capacetes brancos. Morenos «tipo sete», *iodados* ao sol da «Praia das Virtudes...»

Descemos. Quasi o ponto final. A Praça Onze alí está. E' uma quadra escassa. Chegamos. Botequins modestos. A' direita, o Mangue e suas palmeiras. Aquelas «que não nascem na areia de Copacabana». E frente, casas de negocio, placas, letreiros. Uma «Lira Lusitana» ostenta, na fachada, as quinas de Portugal.

O samba móra mais longe. Além dos trilhos da Central. Ao fim desta rua, de casas terreas, berrantes, atulhada de carroças. Para traz dos «railways», dos cabos eletricos e dos carros de suburbio.

E' a Favéla! A Favéla, dos barrações de madeira e de lata. *Chatôs* cobertos de zinco. Varais bambos, gingando ao vento que vem de lá do mar...

A pedreira rasga-lhe uma face. E' um gilvaz acinzentado, que lhe deixou a luta contra as perfuratrizes e os cartuchos explosivos. .

Subamos. Não tenham medo. Ainda é cedo: quasi 6 horas. A «uca «ainda não dominou os *morenos* do morro. E as «ródas de samba» ainda não azucrinam os écos das encostas...

Subamos. O samba vem ao nosso encontro. E vem se exhibindo, polímorfo, mostrando a influencia exótica de outras melodías negras que chegaram atravez das difusoras...

Ele vai se transmudando aos nossos ouvidos, — fiel sempre aos elementos racicos que o caracterizam. Aqui é o *sambinha*, que renunciou a ser dança de róda, para se tornar o fundo musical de idílios modernos, em nossos salões...

Alí é *samba chôro* de Noel Rosa. Noel Rosa, o idolo das gambôas, aquele cujo enterro teve a consagração dos grandes acompanhamentos, embora afirmasse, ao gemer do violão, não querer «chôro, nem véla, e sim uma fita amarela, gravada com o nome dela»...

Acolà é o *samba-rumba* de Assis Valente — com chocalhos e zambumbas, a explodir, num sacolejar rítmo, a alma cubana. E a traír, na melodia sincopada, saudades das *marimbulas*, das *marugas* das macumbas de Havana. Quando o bembé chama os «filhos do santo» para o culto do *orishá*...

Além, é o *samba-jongo*. Menos barbaro, mais nostalgico. Sua música tem algo de imensamente triste. Ha resaibos de urucungos, do tempo da escravidão. E em vosso coração de paulistas, renascem os écos das festas imperiais da antiga zona Norte: jongos de Guaratinguetá, com podeiro-chamador ritmando pancadas, tambores tocados com varetas, chocalhos de couro contendo pedregulhos...

Mas surge o luar. E põe uma patina opalescente sobre o casario esparso pela encosta. E uma voz canta, avinhadamente, o ultimo sucésso de Ataulpho Alves:

— Um lapis, um pedaço de papel,
Uma saudade cruel,
Um coração, cheio de paixão,
Batendo por alguem que a gente adora,
Alguem por quem a gente chora...
Assim nasce um samba-canção...

E' o *samba-canção* que vem descendo. Samba canção, que já não é música popular. Ele sofreu a estilisação dos *studios*. Tem resquicios de pistons e de saxofones, efeitos de batería. E' bem educado, como um negro de *jazz*. É o samba encasacado de Ary Barroso e Zéquinha de Abreu... Samba-recordação, lembrando concursos oficiais...

Ha um rumôr de palhetas batendo. Um grupo de morenos canta, a meia voz. E o samba-canção sôa, nostalgicamente, dentre as taboas de um casebre derruido:

— Se acaso você voltasse,
E eu meu chatô encontrasse,
Aquela mulher de quem você gostou,
Será que tinha a coragem
De trocar a nossa amizade,
Por ela que já te abandonou?

Quem será este amôr? Será, talvez, a negra Risoleta, aquela que «quebrou o chapeu de palhinha, que *ele* comprou a prestação»

(quem pagou foi o Salomão). Ou, talvez, alguma Florisbela de azeviche. Alguem que desceu o morro. E que algum dia ha de voltar, chorando. Porque não ha samba sem chôro, e sem abandono...

***

Tudo é tristeza, no morro enluarado. Tristes, os barracões desconjuntam-se e se desengonçam. Triste, a lua espera, melancolicamente, a hora de entrar em cêna, entre dois solecismos. A Igreja, ostenta, lá em cima, as naves tristonhas e desertas. A tarde é morna, como um cansaço tropical. E o Gigante de Pedra dorme, ao longe, a sesta ininterrupta.

Súbito, porém, chocalham ganzás. Tamborilam, nervosos, dedos sem conta. Pistons, ofcleides, despedaçam a quietude do ar. Tamborins e cuícas dialogam, em intercadencias, e uma estatica, teimosa, regouga, rascante, o protesto da natureza acordada de chofre...

O radio do botequim estertora, num disco longinquo, a voz de Carmen Miranda:

— O que é que a baiana tem?

A música nortista fala uma linguagem quasi igual á do Morro. Negras de *balaganaans* e *pencas*, mercando acaragé. Vai-vens de panos da Costa, camisas de crivo, tecidos berrantes, pondo nodoas de côr na «Agua dos Meninos», ou na grande confusão da festa do Bomfim...

Requebros e dengues, batuques de Itapoan, pianos-de-cuia, gemendo o ritmo da escravidão...

***

O radio se interrompe. A música findou. Anuncios em chusma rolam por sobre o casario pardo e paupérrimo. Apregoam, inutilmente, coisas que nunca poderão adquirir...

E' tarde. Convém descer. A lua «mal criada, quando passa, espia na vidraça...» inexistente. Ha uma lazeira imensa, caída de borco sobre Morro, sobre o miradouro que espía, lá em cima, o mundo azul da Guanabara, os navios que partem, as ilhas e os astros... Saudade..

E a voz do radio nos vem lá do alto, no samba praieiro de 32:

— Quando no terreiro,
Faiz noite de luá...
E vem a saudade,
Me atormentá...
Eu me livro dela,
Tocando viola,
De papo, pro á...

— Coitado!

— Coitado?!

A propria melodia nos responde, já enfranquecida pela distancia:

— Se tem no mercado,
Feijão, rapadura,
Pra que trabalhá?
Eu gosto do rancho,
O homem não deve
Se amofiná...

Comodismo primitivo dos que não sabem desejar. Lassidão tropical...

— Mas ele é feliz. Se ele nada aspíra, tanto melhor...

— Engano, senhoritas. Ele quer algo. Alguma coisa de muito simples e de muito pratico. Ouvi a cabrócha lavadeira que passa, gingando, sob pilha de roupa que vai entregar aos freguezes, lá em baixo:

— Bôa casa, bôa roupa,
E comida de colher,
E' o que ele quer!...
E' o que ele quer!..

Esta é a psicologia do samba. Psicologia de malandros e cabróchas, sentimentos primitivos, sem controle e censuras, quasi como nos romances de Francisco Carco..

Psicologia dos que encalharam á beira da Cidade, e que vivem sonhando com alguns mil réis para a grande aventura do Carnaval... Amôr primario. Amôr simplista. Que não é paixão, nem tão pouco sentimento pela mulher que se esqueceu... Amôr daquele que

— Vestiu uma camisa listada
E saiu por aí...
Em vez de tomar chá com torradas
Ele bebeu paratí...
Levava um canivete no cinto
E um pandeiro na mão..
E sorria, quando o povo dizia:
— Socega, leão...
— Socega, leão..

Música barbara, trazida no bojo dos navios-negreiros: pois, embora nascida no Paiz, ela tem seus ancestrais nas *bambulas* da Senegambia. Dansadas ao som dos *tamtans*, quando os *arakins* terminam as narrativas guerreiras. E o côro dos agôs canta e se estorce na psicóse coletiva da dansa:

— Anamalis fabil!...
Faramata hi!...

***

E é esta música, de cunho nitidamente africano, pobre de inspiração, retratando uma psiche doentía, que o Paiz exporta, como padrão de sua cultura e de sua arte.

A França nos envia as canções sentimentais de Lucienne Boyer. A Argentina, os tangos de Cardel e Canaro. As «vidalas», ou o «chañi» da Cordilheira. O proprio Mexico, dos «corridos» canta com Augustin Lara e Maria Graeber a música hispanizante do «Tipitin»...

E o Paiz contrapõe á heraldica «Flôr de Liz» — á «mujer de alabastro», á sentimentalidade do «Allá en el Rancho Grande», o ritmo conguense da «Boneca de Pixe»...

E manda Aurora Miranda — embaixatriz oficial da arte brasileira, saudar-nos de Buenos-Ayres com um cumprimento bem favéla:

«— Alô, macacada!...»

E depois extranha que sejamos acoimados de macaquitos. E que seja o couraçado «Moreno» o escolhido para trazer o Presidente Justo ás aguas do Rio...

***

Vou terminar. O samba retrata, pois, o

morro carioca. Não se aclimata entre nós. Mesmo quando, trazido para São Paulo, se fixou nas festas de Pirapóra, assumiu uma feição nova, tipicamente nossa. Transubstanciou-se, modificando compassos e coreografias. Tornou-se uma dansa nova. O samba rural paulista, que Mario de Andrade considera a maior sistematização da sinco pa. E esse mesmo fenece aos poucos vencido pelo cateretê e pelas músicas finas.

E, dias atraz, a 6 de Agosto, quando o bumbo costumava acordar os écos e os romeiros ao som da música trepidante, os barrações de Pirapòra silenciaram, dentro da noite. E' que o samba — o proprio samba rural — fôra proibido pelas autoridades religiosas e policiais. .

O caboclo prefere, cada vez mais, «dansar baile» — com sanfonas e violas catireiras. O samba parece-lhe uma dansa exotica, ecoando atravez de longinquas fronteiras sentimentais.

O mesmo diremos quanto á cidade. O paulista prefere a marchinha, o fox e a valsa. O sucésso de Francisco Canaro, o *mexicanismo* de Pedro Vargas, a vitoria do «Tipitin» marcam a reação popular contra o exclusivismo do samba.

E, quer nos salões da «urbs» moderna, quer no recesso provinciano dos bailaricos rurais, ha sempre uma valsa, romantica e palaciana, enlaçando, enlaçando pares...

Valsas chorosas e corrupiadas do interior, com sanfonas gemendo, na «Camburica», na «Saudade de Mattão», nas «Noites de Lindoia» a nostalgia da cidade natal, ou narrando, comovidamente,

«a triste historia de um amôr,
que se resume numa dôr ..»

Valsas de arrabalde, como a «Rapaziada do Braz», pondo um pouco de alma nas fisionomias manchadas pela fuligem das oficinas... Valsas eruditas, irradiadas dos *studios*, pela voz das difusoras, e mostrando a psique religiosa do paulista:

«Senhora, fonte santa de divino amôr,
Que sois amparo e providencia de [quem crê,
Dai-nos carinho,
Fazei mercê,
Aliviai, Senhora, a nossa dôr...»

E' que o paulista não compreende a psicologia do morro. São Paulo, a nova Babel, o grande *melting-pot* onde se cruzam raças e instintos, prefere a balalaika ao violão. E o ukelele ao som primitivo do ganzá.

Nossa música não fala de mulatas e bambas, cabróchas e barracões. Ouvi-a:

— Paulistinha querida,
Qual é tua côr,
Que tanto disfarça
Com teu pó de arroz?
— Não és loura, nem morena,
Não tens nada de mulata,
Paulistinha querida,
Tua côr é trinta e dois...

Valorizemos, pois, o que é nosso. Temos ritmos proprios: catiras, garapás, «recortados», cururús. Temos músicos de valôr e uma psique refinada. Creemos pois, nossa música, que retrata a nossa psicologia.

E, emquanto isto não fôr possivel, cultivemos a música fina, que estiliza nossos sentimentos, através da melodia pura. Apuremos nosso gosto. Para que, um dia, possamos apresentar, ás platéas do mundo, algo que não lembre, no dizer de musicologo patricio um côro do Senegal...

Para que, um dia, nossa música alcance, não apenas os aplausos de um publico *blasé* de uma grande cidade, mas a consagração da Arte Universal...

* *Este valioso trabalho, dada a autorisação do autor, é exclusividade de "RESENHA MUSICAL".*

Maestro Francisco Braga visitará Botucatú

Por motivo de força maior, foi adiada para o proximo dia 28 de Novembro, a visita do proeminente compositor Francisco Braga, legitima gloria da musica nacional, á prospera cidade de Botucatú, onde será alvo de uma grande homenagem promovida pela Escola Normal Oficial, autoridades municipais, comercio e povo botucatuense.

O Mº. Francisco Braga assistirá a inauguração de seu retrato na sala ambiente de música "Francisco Braga", na Escola Normal Oficial e regerá um concerto orfeonico de mil vozes, com um programa composto de suas obras dentre as quais figura o Hino á Bandeira Nacional.

"Resenha Musical", especialmente convidada, far-se-á representar nas referidas solenidades pelo seu Diretor que seguirá para aquela prospera localidade acompanhado de sua exma. esposa.

IV Salão de Belas Artes de Araraquara

Acaba de ser franqueado ao publico, o IV Salão, promovido pela Escola de Belas Artes de Araraquara e sob o patrocinio do sr. Antenor Borba, d. d. Prefeito Municipal.

Concorrem ao importante certamen nomes eminentes como os de Pedro Alexandrino, Paulo do Valle, J. B. Ferri, Campofiorito, Eduardo Bevilacqua, e outros.

Removendo o pó do Tempo...

Subsídio para a Historia de Araraquara

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

II

Corría o ano de 1870.

Sob a «arvore de S. Bento» — como era cognominada —, linda, de tronco largo e curto, de galhos invisiveis, tão abundante e espêssa era a folhagem, havia um agrupamento de gente.

Era a gente da Vila de S. Bento que alí ouvia as execuções da bandinha do Francisco Norberto Rodrigues Freire, que podemos assegurar ter sido o primeiro músico-mestre que surgiu na Historia de Araraquara.

Aquela arvore de sombra tão amena, atraía todo o povo com as bélas marchinhas e valsas do pequeno conjunto musical.

Quantas vezes as retreitas não terminavam sob forte aguaceiro! Quantas!...

Morreu em 29 de Setembro de 1885, o Francisco Norberto Rodrigues Freire. Em 83 já não mais exercia a direção de seu resumido grupo de musicos.

E mais tarde, á golpes de machado, era abatida a arvore linda, de tronco largo e curto, de galhos invisiveis — a «arvore de S. Bento», para dar lugar ao grande edificio da Estação da Companhia Paulista de E. F.

* * *

Uma onda de entusiasmo artistico passava por toda a Provincia em 1873. Em Campinas — a Princeza d'Oeste —, brilhava o mtro. Sant'Anna Gomes. Em Guaratinguetá, o João Gomes de Araujo. Em Itú, o Tristão Mariano e o Elias Alvares Lobo.

Em Araraquara, por sua vez, impulsionavam o movimento musical, além do Francisco Norberto, o João Pires da Silva, vindo de Itú e o Julio Cesar de Mello.

O João Pires lecionava piano. Algumas das suas antigas discipulas, ainda sobrevivem.

Estes os tres nomes que lustram com muita simplicidade, os primeiros anos do movimento musical araraquarense.

Tres nomes modestos que participaram despretenciosamente, para o progresso de Araraquara.

* * *

Araraquara já viveu tudo isto!...

Banda de música, fógos, serenatas, circo de cavalinhos, divertiam e davam a nota graciosa á novel cidadezinha (1).

Leilões e festas religiosas, a maior preocupação dos crentes fervorosos.

— A Capéla de Sta. Cruz (2), preciza de uma bôa reforma, dizia o Padre Luciano (3), aquele bondoso vigario que para cá veio em 1886, ao seu amigo Ricardo de Matos, que tinha sido presidente da Camara.

— Sim, precisa. A parede externa está tão feia, o rebôco todo caído.

— Precisamos lógo aumenta-la, isso sim! Já não comporta o numero de fiéis... disse em tom de arrogancia o dr. Leite de Moraes.

E no mez de Maio, iniciava o mez de Sta. Cruz.

Era um mez de festas. Gente que vinha de tróli lá do Mattão; gente que vinha á pé lá do Jacaré; á cavalo lá do Pinhal e de toda a redondeza.

E essa gente comentava:

— Este ano está uma festa e tanto!...

— *Imagine que nois caminhâmo quatro dia da Bôa Esperanca inté aqui!...* falava um caipíra que tinha trazido toda a familia devóta de Sta. Cruz.

— Sta. Cruz é milagrosa!...

— E faz milagre, se faz!...

E a festa dentro da noite ia alegre ao som da banda da *Sociedade Musical Araraquarense* (4), sob a

batuta de Sebastião Pinheiro de Almeida (5).

Leilão!... Banda!... Sta. Cruz!... Milagres!...

— Que saudade daquele tempo!... Ainda suspiram alguns corações combalidos pelos anos.

* * *

Com a chegada de muitos italianos, quasi todos músicos amadores, começaram estes a tomar parte no conjunto da Sociedade Araraquarense. Em vista disso mudaram a denominação da mesma para Italo-Brasileira (5) — porém, era muito conhecida por banda italiana — sob a regencia do maestro Bianchi.

Nessa ocasião transportaram-se para cá os quatro irmãos Bonetti e mais o pai. Eram músicos amadores e para poderem viver, formaram um conjunto musical que era bastante apreciado. Alí no Hotel Madrid, o melhor da cidade em 1894, se faziam ouvir diariamente. O proprietario do Madrid, era o Raymundo, um preto. Funcionava o referido Hotel na rua 1, hoje Gonçalves Dias. Para alí afluiam os boêmios da antiga Araraquara.

Os convites para as serenatas e para as festas particulares, se acumulavam e os quatro Bonetti não davam conta do recado.

Que serenatas!... Que festas!...

* * *

A Araraquara de então, já era uma cidadesinha pitoresca onde o chiado do carro de boi se confundía com o tróte do cavalo; onde o som de um violão comovia os corações e agitava os pensamentos; onde o latido de um cão ecoava, impressionando na escuridão da noite; onde a rua se igualava á estrada; onde as casas obedeciam ao mais simples estílo, bem de acôrdo com a indumentaria masculina e em contraste com a complexa feminina de então.

— Variola!... Variola!... diziam alguns.

— Variola negra!... Estamos mal!... exclamavam todos.

— *Bexiga das gróssa!...* murmurava baixinho um preto velho, que dias após, deixava este mundo.

— Não vá daquele lado! perto da Estação está dando bexiga. Aconselhavam uns aos outros.

Os pretos moradores da baixada

Banda da Sociedade Musical Araraquarense

perto da Estação se mudaram para a parte alta da cidade. E lá, no alto, é que apareceu o primeiro caso de febre amaréla. E depois outro. E outro!...

A febre amaréla alastra-se pela cidadezinha. Muita morte! Um descalabro!

Foram instalados dois lazaretos — como chamavam os logares onde recolhiam os doentes— um, na rua 1 (hoje Gonçalves Dias), bem em frente á Avenida 6 (hoje Italia), e outro lá pelos lados do Matadouro, fim da rua 5 (hoje Voluntarios da Patria).

Nas carretas improvisadas eram transportados diversos cadaveres por vez. Uma cousa impressionante!

Era a primeira vez (1895) que tal peste batía por estas bándas. Mas ela havia de voltar mais duas vezes...

Todos comentavam com profunda tristeza as mortes do zeloso vigario padre Hipolito Evangelista Braga, do velho Bonetti, do jovem Francisco Oliveira Machado, do padre Luciano Francisco Pacheco, do Sebastião de Almeida, e de outros.

Todos estavam horrorisados! A morte implacavel com o seu alfange ia colhendo vidas e mais vidas arrebatando-as para o seu império.

Gente que morria aqui, alí! em toda parte. Não havia remédio, todos pereciam. Houve improvisação, heroismo, mas ninguem sabia como evitar ou curar o mal que se alastrava! Um horror!...

O dr. Antonio Picarone, o dr. Pitombo, o prof. Sanarelli, lutaram desesperadamente...

E' da memoria de todos daquele tempo, que ainda vivem, a abnegação do padre Cezarino, que no dia de seu aniversario, tomou posse do cargo de vigario e no mesmo dia lançou-se á luta afim de minorar os sofrimentos com a palavra de Deus sempre nos labios e dar conforto e coragem á população que sobresaltada se compungía á cada morte anunciada.

Araraquara, S. Carlos do Pinhal, Campinas, Sorocaba, todas as cidades paulistas se enlutaram acabrunhadas pela perda de tantos filhos, de tão queridos filhos.

* * *

Sob essa atmosféra terrífica, os jovens Bonetti quando regressavam de seu trabalho no Madrid, eram obrigados pela bondosa tia dona Sofia, a beberem olio de rícino para não ficarem com a mortífera febre. Ninguem supunha que o veículo propagador daquela maldita febre fosse o mosquito. Quem supunha isso? Quem?...

* * *

Devido á certas questiúnculas entre brasileiros e italianos, dentro da corporação Italo-Brasileira, a mesma foi se dissolvendo lentamente desde que dela se retiraram o maestro Bianchi, que se transferiu para outra cidade, e o Florindo Castellan.

Com a chegada do sr. Guilherme Zerbini acompanhado da familia, dentro da qual se sobresaía seu filho o guápo Antonio, a idéa da organização de outra banda já esboçada anteriormente pelos Bonetti, tomou vulto, porque os Zerbini—pai e filho — eram mùsicos dispostos.

Tentando, pois, a organização de outra banda, reuniram-se em casa do sr. Julio Porta, numa especie de sessão, os irmãos Bonetti, os Zerbini— pai e filho—, o Florindo Castellan, o tenente-coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz (6), e o Dr. Giuseppe Bertoni e outros. Ficou resolvido, em definitivo, a fundação da nova corporação musical que recebería o nome ilustre de Antonio Carlos Gomes como homenagem ao inolvidavel compositor patricio que, naquele momento, se aproximava do termo de sua gloriosa existência, justo orgulho de todos os brasileiros.

Os primeiros ensaios eram feitos em casa de Julio Porta—que atuava como secretario—, á rua 8 (hoje Aurora), quatro vezes por semana. Como não houvesse luz eletrica, os mesmos eram feitos á luz de lamparinas ou de vélas.

E os músicos, coitados!, íam para os ensaios com lanterna na mão evitando assim caírem em algum

buraco. E mesmo o conjunto, quando saía á noite, acompanhava alguns garotos que levavam lanternas á querozene. Um ou outro lampeão dos colocados em 1887, quando Araraquara ainda era a pequena Vila de S. Bento, iluminava com o seu clarão baço a via publica.

Um particular importantissimo, os músicos não percebiam ordenado, apenas uma partilha os contemplava de vez em quando.

Entusiasmado pelo êxito dos primeiros ensaios, o Cel. Pinto Ferraz, que tinha sido escolhido para patrono e que sempre se revelou um grande animador dos músicos, nunca,

Francisco Norberto Rodrigues Freire

durante sua vida negou-lhes sua mão forte e protetora, quer fazendo doações em dinheiro, quer importando instrumentos ou partituras, presenteou a corporação com um par de pratos no valor de 800$000, que trazia a seguinte inscrição: "A' Banda Carlos Gomes, uma lembrança do Joaquim Duarte Pinto Ferraz".

Mas o grupo não possuía uniforme e como adquiri-lo ? Uma idéa extraordinaria preencheu essa lacúna. Uma tarde a disciplinada banda saíu a tocar de porta em porta, causando isso muita curiosidade pois era um fáto inédito no local, de modo que todos os moradores saíam á janela ou á porta para se porem ao par do que se passava, e nessa ocasião um dos músicos, préviamente escolhido, fazia a coléta. De regresso á séde, os músicos tinham em seu poder quantia respeitavel que reunida á outras doações, cobriu a importancia necessaria para a acquisição na Italía de um rico uniforme. A Alfaiataria Boschini, de S. Paulo, serviu de intermediaria.

Algum tempo depois, garbosa, desfilava, tendo á frente o entusiasmado maestro Florindo Castellan, entre jubilos e aplausos da população, pelas ruas da cidade, a disciplinada banda corretamente uniformísada.

(Continúa no proximo n.º)

(1) — Araraquara foi elevada á cidade por Dec. Provincial n. 6, de 7 de Fevereiro de 1889.
(2) — Hoje Igreja de Sta. Cruz, inteiramente nova, no largo do mesmo nome.
(3) — Padre Luciano Francisco Pacheco.
(4) — A Sociedade Musical Araraquarense, foi fundada pelo snr. Sebastião Pinheiro de Almeida. Música sem estudos especializados, apenas um amador apaixonado pela sua arte, tocava relativamente bem o piston, seu instrumento prediléto. Era alfaiate. No porão de sua residencia, antes á Avenida 4, onde hoje está magestosamente localisado o Club Araraquarense, se realizavam os ensaios. Faleceu em 189[illegible], com fébre amaréla; era casado com dona Margarida Botelho, que ainda vive. Figuram no retrato da Sociedade Musical Araraquarense, em pé da esquerda para a direita, os srs. João Pinto Cardoso, Manoel Francisco Pinheiro, Florindo Castellan, Luiz Castellan, Francisco Oliveira Machado, Amancio Rodrigues, (?) consta ser Stabile, Alfredo Vitalis (porta bandeira), sentados: (?), Sebastião Pinheiro de Almeida (regente), (?), Antonio Pinheiro de Almeida, José Pinheiro, Avelino Corrêa. Podemos considerar a Sociedade Musical Araraquarense, como a primeira manifestação musical, socialmente organizada de Araraquara.
(5) — A primeira banda de Araraquara batisada com esse nome.
(6) — Tenente Coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz (São Paulo, 16-8—1837).—Araraquara, 26-4-1903).

Como somos acolhidos

(Cont. dos ns. anteriores)

Recebemos cartões e cartas dos srs. Prof. Fabiano R. Lozano, Inspetor Geral de Música do Departamento de Educação do Estado; prof. José Wancolle; pianista Mario M. Rosa; prof. Alvaro Ghiraldini; srta. profra. Maria de Souza Guedes; sr. Ferruccio Bonora; dr. José Dalmo Fairbanks Belfort de Mattos; Associação Paulista de Imprensa; Irmãos Jorge; Instrução Artistica do Brasil; todos de S. PAULO; do Padre Dr. Luiz Gonzaga Mariz S. J., DD. Presidente da Confederação das Associações Católicas da BAIA.

Os bons discos de Chopin

(Continuação do n.o anterior)

PIÉRRE WIVANDY

Tradução do Prof. L. Carvalhosa Garcia

2.o - OBRAS SERIADAS

De todas as obras já enúmeradas, existem bôas edições integraes e bôas edições destacadas.

AS EDIÇÕES INTEGRAES

Daremos, em a nossa discotéca, um logar de honra á edição H. M. V. dos «Estudos» por Wilhelm Backhans: DB 1132 a 1134 Opus 10, e DB 1178 a 1180 Opus 25 (6 d. lx. 30.

Um logar de honra igualmente, ás edições realisadas para Gramofone com o concurso de Alfredo Cartot. As quatro «Balladas»: Sol menor, fá maior, lá bemol maior e fá menor, cobrem 4 discos DB 2023 a 2026 (lx. 30); com os ritmos tão diversos. Todos os «Estudos» op. 10 são gravados sobre 3 discos DB 2027 a 2029 (lx. 30); os «Estudos» op. 25 sobre os discos DB 2038 a 2310 (lx. 30. Os 24 «Preludios», dos quais em uma recente palestra radiodifundida na Belgica, Alfredo Cortot, com a sua autoridade de grande musicologo, disse situarem-se eles num «estagio quimicamente puro de musica», dão-nos 4 belos discos: DB 2015 á 2018 (lx. 30); as14 "Valsas", seis discos, DB 2311 a 2316 idem; emfim, os tres «Impromptus», 2 discos, DB 2021 a 2022 (idem; destes nós notaremos sobretudo o primeiro, cuja segunda face leva o lindissimo «Impromptu» n. 2 em fá sustenido maior. Dizse que Chopin tinha uma especial predileção por esta tonalidade que permite efeitos brilhantes.

Classificamos igualmente para a primeira prateleira da nossa discotéca, a edição dos oito «Polonaises» com Arthur Rubinstein (H. M. V. DB 2493 a 2500, 8 d. lx. 30). Nesta edição, mencionaremos especialmente, o DB 2496, que leva uma admiravel interpretação da 5.a «Polonaise» em fá sustenido menor op. 44, e 0 DB 2500, que nos restitue com brilho os possantes acórdes da «Grande Polonaise» op. 22. A segunda face do DB 2499 contem o «Andante Spianato» reunido á Grande Polonaise. Esta gravação deve ser considerada como integral, máo grado a existencia de sete outras «polonaises» do mesmo autor, dos quaes a op. 3 (para violoncelo e piano), e a op. 71 ns. 1, 2, 3 estão sendo bastante esquecidos.

De Rubinstein tambem, uma admiravel gravação, os 4 «Scherzos» (H. M. V. DB 1915 a 1918, 4 d. lx. 30), e sobretudo á do terceiro em dó sustenido menor, outra tonalidade preferida do mestre polonez (DB 1917).

Os «Estudos» tambem encontram lugar, integralmente, sobre oito discos Columbia, L. F. X. 135 a 142, em que eles são executados num estilo mais do que magnifico pelo pianista francês, ora falecido, Roberto Lortat. Gostamos menos deste artista nas «Valsas» (LFX 214 a 218. lx. 30), nas quaes ele toma muitas liberdades ritmicas. Porem elogiaremos sem restrição alguns outros discos Columbia. aqueles em que um artista francês tambem, virtuose de primeiro plano, Robert Casadesus, nos enleva com as quatro celebres "Baladas" (D. 15076, L. F. X. 74,75 e 166, todos lx. 30). A segunda, por exemplo, arrebata e encanta, e o seu disco (L F X 166) é talvez o melhor desta produção.

AS EDIÇÕES DESTACADAS

Estas são inumeraveis, e nenhum critico, por conhecedor que seja, não pode pretender conhecel-as todas por as ter ouvido. Nós tambem dellas não citaremos senão as mais divulgadas.

a As "Baladas".

Para a Balada n. 1 op. 23, a mais conhecida, uma bôa indicação: o disco Polydor n. 95325 (lx. 30) com Alexandre Brailowski ao cravo.

Para a "Balada" n. 3 op. 47, ha um bom disco Polydor n. 99179 (lx. 30), executado pelo próbo musicista Lewid Kreutzer.

b) Os "Estudos".

Para os "Estudos" nós classificamos na primeira ordem do nosso arquivo, 4 discos: O Polydor n. 35012 (lx. 30) que nos dá o encantamento de ouvir sob os dedos de Brailowski, o "Estudo" op. 25 n. 3 em fá maior e o de n. 4, op. 10 em dó sustenido menor chamado "Le Forrent"; o H. M. V. DB 1037 (lx. 30) no qual Paderewski executa com grande magnificencia o celebre Estudo op. 10 n. 3 conhecido pelos nomes "Tristesse" ou "Intimité"; o H. M. V. DA 1305 (lx. 25) em que Wladimir Horowitz executa com uma velocidade quasi anormal o terrivel "Estudo em fá maior" op. 10 n. 8 todo inteiro em semi-colchêas ao tempo de 88 "à la blanche"... seja, para os entusiastas de "records" mais de setecentas semi-colchêas por minuto; e emfim, o H. M. V. DB 2788 (lx. 30) em que o mesmo Horowitz nos dá o "Estudo" "Le Torrent" e o "Surlestouchesnoires", um dos mais conhecidos (op. 10 n. 5).

Alem destes discos que estão "hors concours", nós escutaremos, todavia, não sem alguma emoção, discos muito particulares,

(Cont. na pag. 12)

Indice das obras de Barrozo Netto

N. da R. — Como prometemos no ultimo numero, damos hoje um indice das obras do grande compositor brasileiro Barrozo Netto.

PIANO — (a duas mãos)

EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio, (as Edições Bevilacqua são agora reeditadas nas Edições Mangione — S. Paulo);

Era uma vez... — Melodia — Uma historia triste (do *album infantil* — 3 peças). — Berceuse — Canção arabe. — Canon. —Dialogo. — Esbocetos (10 pequenas peças). — Folhas d album. — Folhas soltas. — 1.o Gavotta (feita aos 9 anos de idade) — Gavotta. — Humoresca. — Natal de (uma *suite* incompleta). — Nostalgia. — Romance sem palavras. Estudo. — Gaitada. — Galhofeiro. — Preludio e fuga. — 2.a Valsa capricho. — Serenata diabólica.

EDIÇÕES MANGIONE — S. Paulo: Tema e variações. — Redemoinho.

EDIÇÕES CASA ARTHUR NAPOLEÃO — Rio: Canto do marujo. - Confidencias.—Danse des fantoches. — Estudo de Concerto. — 2.o Estudo de Concerto. — Feux Follets. — Manhã do pianista (exercicios.) — Movimento perpetuo. — Na rêde. — Romance sem palavras (si bemol). — Sete peças caracteristicas. — Valse mignone. — Sherzo — Valsa.

EDIÇÕES CARLOS WEHRS — Rio: Plainte d'une fleur. — Cantilena. — Era outra vez. — Primeira magoa. — Sorriso triste.— Á conquista de um premio. — Berceuse em mi menor. — A minha casinha. — Brincadeira interrompida. — Cavalinho de pau. — Dois preludios. — Minueto. — Pastoral — Perigosa aventura. — Preludio e canon. — Sinos de aldeia. — Soldadinho... marche!.— Tempos idos. — Valsa lenta em fá maior.— Cachimbando. — Conto romanesco. — Coriscos. — Em caminho. — Ite missa est. — No ferreiro. - Exercicios para a passagem do polegar. — Quasi nada... — Polichinelozinho. — Scherzetto. Valsa capricho. Alegria de viver. — Chôro. — Tarantela.

EDIÇÕES RICORDI — Italia: Rapsodia guerreira. — Galhofeira. — Minha terra. — Estudos de agilidade.

PIANO (4 mãos : EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio: Do a sol (suite infantil). — La a mí (suite infantil).

EDIÇÃO CARLOS WEHRS—Rio: Faceirice.

DOIS PIANOS: EDIÇÃO BEVILACQUA — Rio: Intermedio.

VIOLONCELO E PIANO: EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio : Canto de amor. — Nostalgia.

VIOLINO e PIANO: EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio: Aria. — Melodia.

EDIÇÃO CASTRO LIMA: Romance.

EDIÇÃO ARTHUR NAPOLEÃO — Rio: Extase.

EDIÇÕES CARLOS WEHRS — Rio: Tarantela. — Faceirice.

CANTO (com acompanhamento de piano)

EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio: Adeus.— Balada. — Canção de Lavinia. — Cantiga. Ceguinha. — Chanson.—Conseil pour l'homme. — Dorme. — Invocação á natureza com córos. -- Jesús!. — Olhos tristes. — Oração da pobre.— Regresso ao lar — Ritornello. — Se eu morresse amanhã. — Suprema angustia.

EDIÇÕES CARLOS WEHRS — Rio: Canção da felicidade. — Saudade amiga. — Vozes da floresta. — Tarantela (sem palavras) — Canção da saudade. — Canção Sertaneja. -- Uma saudade. — Laura. — A um coração.

EDIÇÃO ARTHUR NAPOLEÃO — Rio : Perdão Felicidade!

MUSICA SACRA (canto e órgão)

EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio: Ave Maria. — Salutaris. — Tantum ergo.

CÓROS com acompanhamento de piano ou orgão:

EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio: O Jesu mi. — As lavadeiras com sólo).

CÓROS INFANTÍS (com acompanhamento de piano ou orgão).

EDIÇÕES BEVILACQUA — Rio: As férias. — Oração a Nossa Senhora. — Invocação a Jesús. — Depois da Comnuhão. — Hino Escolar. — Hino ao Estudo. — Fim do ano.

CÓROS (a seco) — EDIÇÕES CARLOS WEHRS — Rio: Contas cantadas. — O sino da Igrejinha. — Canon sem palavras. — Alvorada. — Férias. — Divina estrela. — Minueto. — Canção sertaneja. — Sól (fughetta) — Folguedo. — Hino Nacional Brasileiro (com outra harmonização); (3 vozes): Borboletas. — Historia complicada. — O ferreiro. — Oração. — Pedreirinho. — Primavéra do Brasil. — Uma saudade. — Préce. — Musa selvagem; (4 vozes : Ave Maria. — Barcarola. — Conto romanesco. — Orfanzinha. — Fuga. — Hino Nacional Brasileiro (com outra harmonização). — Momento triste. Regresso ao lar. — Paz! — Pequena fiandeira; (6 vozes): Padre Nosso. — Vozes da floresta -- para córos, solos e orquestra; Orquestra de cordas: Minha terra — Berceuse. Movimento perpetuo. — Grande Orquestra: Prelúdio. — Entrada do filme *Aruanã*.

Trabalhos de caráter pedagogico: Grande número de obras do repertório classico e moderno, entre "peças", "estudos" e "exercicios" de vários autores com todas as indispensáveis indicações para o ensino do piano, isto é: — dedilhados, pedais, fraseado, colorido, execução de ornamentos e tudo mais que possa interessar ao aluno e professor.

São editadas essas obras nas casas Carlos Wehrs, (Edição Euterpe); Arthur Napoleão, (Edição Academica); Bevilacqua (Edição Moderna) e Ricordi.

EDIÇÕES MUSICAIS

Profra Ondina F. Bonora de Oliveira

PRELÚDIO E FUGA em Sol m., n. 1 Rev. de A. Cantú — Ed. "Musica Para Todos" — S. Paulo, 1939.

Silvio Motto escreveu uma série de seis peças para piano, obedecendo a forma classica, utilisando temas brasileiros.

Apenas conhecemos da referida série, a obra de n. 1, em sol m., que recebemos e que, portanto, vamos apresentar aos leitores desta secção.

A peça citada é dedicada a grande pianista brasileira Guiomar Novaes Pinto.

Os temas musicais que enriquecem o nosso folclore, prestam-se muito para o estilo classico da fúga. A dificuldade consiste na escolha do tema ou dos temas, para que o desenvolvimento harmonico e de vozes não venha enfadar, como acontece a muitos que se preocupam exclusivamente em escrever, compôr, sem se preocupar com essa "cousa simples porém complicadissima" a que chamamos *música*, como escreveu acertadamente Mario de Andrade.

Silvio Motto foi longe. Escolheu bem os temas, tanto do Preiúdio como da Fuga.

A tecnica pianistica é suave e de efeito. Como um ensaio para a utilização dos lindos temas nacionais, Silvio Motto alcançou o seu alto objectivo e merece parabens. E' o que apresentamos ao ilustre compositor.

MÚSICA — **Padre Luiz Gonzaga Mariz, S J.** 1935 — BAÍA

Os professores de música sentem certa alegria quando surge uma obra como essa do abalizado professor Padre Luiz Gonzaga Mariz, intitulado 'MÚSICA", editada em 1933 e em segunda edição reeditada em 1935. Essa alegria muito os anima em seu magistério facilitando-lhes o cumprimento do extenso e complexo programa de música adotado nas escolas.

Como o proprio autor escreveu no prefacio, esta valiosa obrinha se destina aos professores de música do ensino secundario, como guía para as aulas de teoria musical, cantos escolares e historiografía musical. E, nós, por nossa vez, cumprindo o nosso dever, recomendamos a mesma aos estudantes de música, em geral, como um orientador seguro para o estudo a que se dedicam.

Concerto a 2 pianos

Coroou-se de pleno êxito o Concerto a 2 pianos realizado em 16 de outubro, no Salão Nobre da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, pelos consagrados pianistas Arnaldo Rebello e Mario Azevedo, sob o patrocinio do Centro Academico Lorenzo Fernandez.

Livraria SÃO BENTO

Agencia de jornais, revistas e figurinos, Livraria e papelaria. Livros e artigos para escritório. — Músicas.

Rua S. Bento, 62 - Fone, 465

Caixa Postal, 104 — ARARAQUARA

Os bons discos de Chopin *

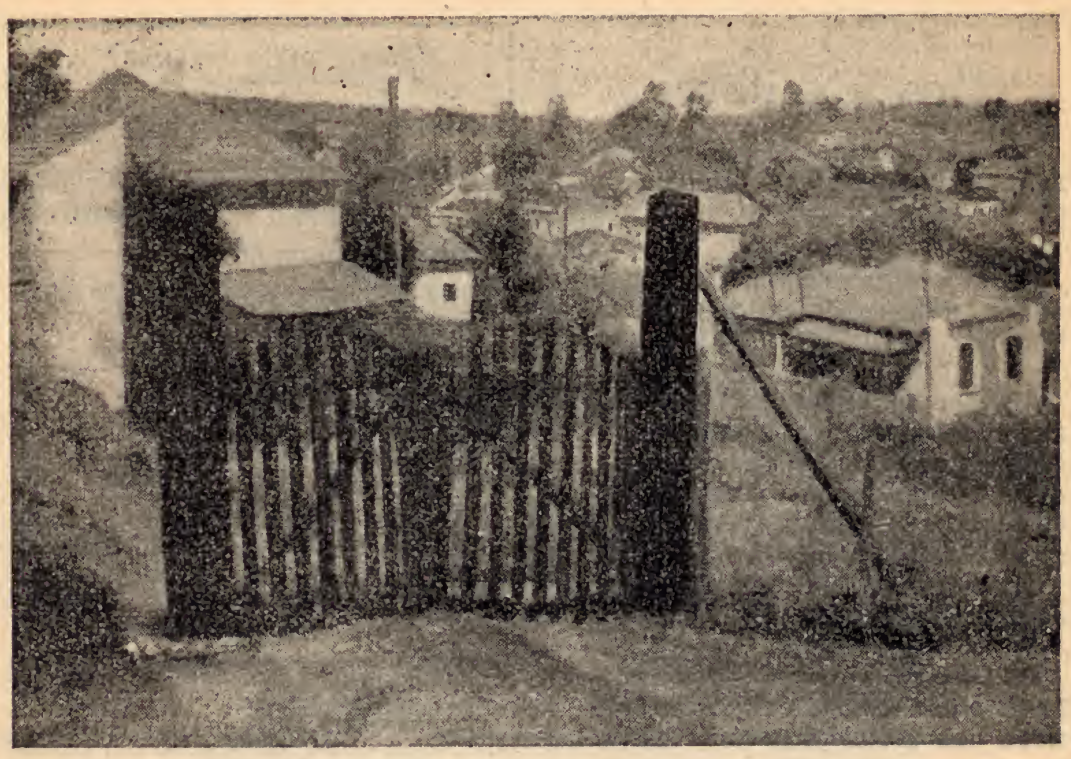
(Conclusão)

como os Columbia de Francis Plauté, que, ha mais de oito anos, foram gravados no retiro do velho mestre, em Mont-de-Marsan. O celebre artista tinha então quasi noventa anos; mas a execução é a de um musicista na plena posse dos seus grandes recursos, e a gravação é excelente para a época. A maior parte das etiquetas destes discos trazem os titulos simbolicos que Plauté gostava de usar: "Le Psaune pendant La Rafale" (op. 25 n. 11), "La Harpe" (op. 25 n. 1), "Villanelli" (op. 25 n. 9), "Les abeilles" (op. 25 n. 2), Le "Torrent" et "Sur les touches noires". Os numeros são: D 13060 (lx. 25), D 15089, 15090 e 15091 (lx. 30).

(Continúa)

Nota — lx.-luxo; 25 ou 30, diametro do disco; d-disco.

* DISQUES - Março de 1939, n. 49.



Portão dos Armazens Geraes — Prof. Eduardo Bevilacqua
(Do IV Salão de Belas Artes de Araraquara)

Nossa capa

Uma pagina ao empolgante Hino Nacional Brasileiro e seu glorioso autor Francisco Manuel da Silva.

O nosso maravilhoso Hino, recorda todos os memoraveis acontecimentos historicos de nossa querida Patria, desde a regencia e a maioridade até a abolição e a Republica.

Proclamada a República em 15 de Novembro de 1889, ainda no periodo do governo provisorio, um concurso houve para a feitura de um novo hino patrio, de acôrdo com as aspirações republicanas. Participaram do mesmo, ilustres musicistas brasileiros. Coube a vitoria a Leopoldo Miguez, em 20 de Janeiro de 1890. Encerrando os trabalhos do certamem, foi executado o hino de Francisco Manuel e o Marechal Deodoro da Fonseca alí presente, aplaudí-o e pronunciou a celebre frase que se imortalizou, uma vez que foi dita conjuntamente com toda a Nação: "PREFIRO O VELHO".

E o hino de 1831, aclamado pelo povo foi consagrado definitivamente.

O hino de Francisco Manuel "foi o som das horas passadas, é o som das horas que correm, será o som das horas futuras". — Coelho Netto.

O hino Nacional Brasileiro é a voz da Patria que conclama a grandeza e gloria do Brasil.

N. — Recordando este episodio historico, "Resenha Musical" presta sua homenagem á data do Cincoentenario da Proclamação da República.

Guiomar Salles Penteado

Realizou-se em 4 de Outubro, no "Salão *Gomes Cardim*", o recital de piano de Guiomar Salles Penteado, aluna da profra. dona Lucilia Eugenia de Mello.

Perante numeroso publico a jovem recitalista apresentou-se confiante am sua arte, revelando uma bonita tecnica e um fino temperamento artistico.

Aos Leitores

"Resenha Musical" é a revista musical de maior divulgação no Brasil.

—

Uma assinatura anual de "Resenha Musical" custa apenas 12$000.

—

"Resenha Musical" não publicará noticias de concertos, audições ou de festivais artisticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente á Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

—

"Resenha Musical" não se responsabilisa pelos conceitos emitidos nas cronicas assinadas.

—

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de "Resenha Musical", é expressamente proibido.

—

"Resenha Musical" não mais será enviada ás pessôas que não tomarem sua assinatura.

—

Colaboração escolhida e solicitada. "Resenha Musical" não devolve originais.

—

"Resenha Musical" publicará o seu proximo numero em fevereiro do proximo ano.

ASSINE A RESENHA MUSICAL em SÃO PAULO ou no RIO DE JANEIRO, por intermedio da MAIOR EMPREZA DE PUBLICIDADE DO BRASIL

"A ECLECTICA"

Rua S. Bento, 67 - Caixa Postal, 539
SÃO PAULO

Avenida Rio Branco, 137
RIO DE JANEIRO

RESENHA MUSICAL

DIRETOR: prof. Clovis de Oliveira

Endereço: Avenida Hespanha, 8 - Sala, 4
Caixa Postal, 18 - ARARAQUARA

BEETHOVEN SURDO

Olavo Bilac

Surdo, na universal indiferença, um dia,
Beethoven, levantando um desvairado apêlo,
Sentiu a terra e o mar num mudo pesadêlo...
E o seu mundo interior cantava e restrugia.

Torvo o gesto, perdido o olhar, hirto o cabelo,
Viu, sobre a orquestração que no seu craneo havia,
Os astros em torpor na imensidade fria,
O ar e os ventos sem vóz, a natureza em gelo.

Era o nada, a eversão do cáos no cataclismo,
A síncope do som no paramo profundo,
O silencio, a algidez, o vácuo, o horror no abîsmo...

E Beethoven, no seu supremo desconforto,
Velho e pobre, caiu, como um deus moribundo,
Lançando a maldição sobre o universo morto!

Festival Artistico dedicado a Mendelssohn

Com o seguinte programa, a União da Mocidade Espirita de S. Paulo realizou um festival artistico dedicado a Mendelssohn, em 19 de Outubro, no Salão *"Bezerra de Menezes"*:

1.º) Comentario literario sobre Mendelssohn, pelo sr. Francisco de S. Carracedo.

2.º) Canção da Primavera, piano sta. Rosinha Livio.

3.º) Declamação sta. Bianca Véra.

4.º) Barcarolla — Canto por dna. Maria F. de Azevedo Cotrim.

5.º) Solo de Violino pelo prof. A. Mascheville.

6.º) Palestra pelo prof. Campos Vergal sobre o tema: «*A influencia da arte na educação do homem*»

7.º) Dois Romances sem Palavras, violino, prof. A. Mascheville.

8.º) Declamação pela sta. Bianca Véra.

9.º) Sur les ailes du rêve, dna. Maria F. de Azevedo Cotrim.

10.º) La Chasse, sta. Rosinha Livio.

Estudo de cabeça — Ruth Werner
(Do IV Salão de Belas Artes de Araraquara)

ORFEON INFANTIL DE S. CARLOS

Em 24 de Setembro passado, inaugurou-se solenemente em S. Carlos, o Orfeon Infantil da Escola Normal Oficial, dirigido pelos alunos diplomandos daquela renomada casa de ensino, tendo comparecido especialmente convidados os srs. profs. Fabiano R. Lozano, Inspetor Geral de Música do Estado e Clovis de Oliveira, diretor de "Resenha Musical".

O programa que compunha-se de numeros variados, contava com obras de Fabiano Lozano, Andrelino Vieira e de outros autores nacionais

"Resenha Musical" agradece a distinção dos convites dos srs. Diretores da Escola Normal de S. Carlos e de seu Curso Primario, congratulando-se pelo êxito do festival do Orfeon Infantil, feliz iniciativa que produzirá grandes beneficios para a arte musical na visinha cidade.

N. — Esse conjunto infantil em 11 de Novembro, apresentou-se em Araraquara onde alcançou sucésso.

M. de Lourdes Natale

Aluna da competente profra. Nympha Glasser, apresentou-se ao publico paulistano em 23 de Novembro, na Salão Germania, a graciosa menina Maria de Lourdes Natale, que demonstrou em execuções acuradas possuir talento e temperamento musical.

O seu programa estava bem organisado. Figuravam nomes dos autores brasileiros Fructuoso Vianna, Clovis de Oliveira e Villa Lobos.

A Arte e o Mundo...

Prof. Rodolpho G. Muricca

Especial para RESENHA MUSICAL

Por mais de uma vez, lanceí ao mundo interior de meu espirito, a palpitante interrogação: «O que seria do mundo sem a arte?»

E para gáudio de minha consciencia e tranquilidade espiritual, sempre cheguei á satisfatória conclusão de poder responder com a mais fundamentada convicção: Nada, positivamente.

Justiça se lhe faça, a arte em todas as suas manifestações, dentre mesmo as mais complexas ou excêntricas, têm constituido em todos os tempos e ha de constituir através de séculos incontaveis, um elemento marcante de cultura e progresso ou antes o indice supremo da civilização de um povo.

A Arte é como a Historia ou a Sociologia: tão velha como a Humanidade.

Efetivamente, não ha negar que já na éra primária da formação do mundo, com toda sua grotesca rudesa animal, quasi só instinto, o homem da caverna ou melhor, segundo os historiadores, o homem da fase da pedra lascada e pedra lisa, já houvesse sentido elementarmente, rudimentarmente, o desejo de aperfeiçoar, de fazer melhor...

Daí pois, concludentemente, a Arte surgiu com a génese do Cosmos.

E a Arte que atinge o supremo ideal de perfeição, que se eleva e se impõe na sua expressão máxima, a Música, jamáis poderá ser contestada ou renegada, naquilo que ela é mestra unica e absoluta: auténtica educadora das massas, no tocante ao sentimento das mesmas e até mesmo, porque não dize-lo, instrumento de ação poderosamente social, necessidade humana impressionavel, iucoercivel, a que a ultima das creaturas, o individuo mais tarado dificilmente pode escapar.

A Música, para só falarmos da Arte em seu mais elevado sentido, que poder magico de fascinação, que feitiço irresistivel exerce na alma humana!

A Música... quão béla é a Musica!

Divino bálsamo, capitoso néctar, enlevo da alma, encantamento dos sentidos... Nada, nada póde delini-la! O nosso soberbo e invejado idioma, tão rico e refulgente de expressões superiores, não possúe vocabulos que a retratem com a merecida fidelidade e justeza...

A Música, símbolo da superioridade de uma raça, sintoma da manifestação de genios em um povo, marco indelevel da elevação cultural de uma sociedade, tem glorificado paizes, que se imortalizaram na memoria de seus ilustres filhos!

A Música, que aplaca os máos instintos, que enobrece os sentimentos, que melhora o homem, superiorizando-o, que dulcifica a alma, que é toda um íno meigo e acariciante de paz e bondade, uma religião adoravel, sublime de amor e caridade, a Música é a expressão superior de uma civilização.

A Musica, arte perfeita, verdadeiramente falando, superior a todas suas irmãs-gemeas, se me permitem a expressão: a poesia, igualmente grande arte, a escultura, a pintura e a arquitetura, é o que ha de mais puro, de mais requintadamente refinado dentro no seio da cultura humana.

A Música, em sintese, arte privilegiada «pour excellence», apanágio dos espiritos eleitos, dom raro de criaturas excepcionais, mãi imensa e inconfundivel de uma legião de genios. De um Beethoven, de um Mozart, de um Debussy, de um Respighi, do nosso sublime Carlos Gomes, viverá "ad-semper" na memoria grata das gerações que se vão sucedendo e, de posteridade em posteridade, á Euterpe, **Musa da Música**, serão erigidos sempre imorredouros pedestais de gloria!

A Música que tem iluminado a humanidade, beneficiado póvos sem conta infelizmente, exponha-se a verdade, entre nós ainda não lhe foram prodigalisados os carinhos e o reconhecimento a que faz indiscutivel jús.

Assim é que quasi desamparada (dos favores oficiais), ela rompe a marcha através dos seculos, póbre e desvalída, sem comtudo perder sua natural altivez e entregue tão sómente aos zelos desvelados dos que a cultivam.

Nos antigos tempos; existiam abnegados protetores das artes e a música, soberanamente imperava; nos dias hodiernos, com ou sem a proteção dos poderes públicos, a divina arte continúa em luminosa ascenção, porque acompanhada ou isolada das forças do Estado, ela caminha sempre...

E' outra razão justificativa que aquela com a qual abrimos o artigo presente, não haverá por certo.

Desafio a argúcia dos que me lerem e que então me respondam «QUE SERIA DO MUNDO SEM A ARTE?»

FALECIMENTO

J. B. CASTRO FERRAZ

Faleceu em 14 de outubro, em S. Paulo, o conhecido e estimado tecnico afinador João B. de Castro Ferraz. Natural de Campinas, contava 68 anos de idade.

«Resenha Musical» apresenta pesames á distinta familia enlutada.

Canto de minha casa — Lafayette C. Toledo
(Do IV Salão de Belas Artes de Araraquara)

Premio "Pró Música" para Pianistas

Venceu-o o jovem pianista Ruy Botti Cartolano, de S. Paulo.

"Resenha Musical" cumprimenta o talentoso artista, pela brilhante vitoria que acaba de conquistar para a sua carreira musical.

Samuel Archanjo

Esteve em Araraquara, onde veio presidir os exames do Conservatorio D. e Musical de Araraquara, o sr. prof. Samuel Archanjo dos Santos, membro do Conselho de Orientação do Estado de S. Paulo.

"Resenha Musical" apresenta ao distinto professor seu brilhante colaborador e digno correspondente paulistano, atenciosos cumprimentos.

Dr. Mario Opice
Dentista
Diatermia
Palacete Raia
Araraquara

Agradecimentos

Recebemos dos ilustres professores Barrozo Netto, Dinorah de Carvalho Muricí, dr. Fernando Lobo, e do Conselho de Orientação Artistica do Estado de S. Paulo.

Movimento Musical de Ribeirão Preto

Encontra-se muito animado o movimento artistico ribeirãopretense propulcionado pela vitoriosa Sociedade Musical de Ribeirão Preto, fundada em 28 de Maio de 1938, e que em sua curta existência já tem prestado relevante serviço á causa da arte, realizando admiraveis concertos com o concurso da sua magnifica Orquestra Sinfonica e de renomados artistas que visitam frequentemente aquela importante cidade.

Os concertos de orquestra obedecem á direção e regencia dos srs. Conego dr. Francisco de Assis Barros, profs. Carlos Volani Nardelli, Ignacio Stabile, Alfredo Pires e A. Giammarusti, alternadamente. Foram realizados até esta data, sete concertos, dentre os quais um no Asilo Colonia de Cocais, quando da inauguração do cinema, em junho deste ano. A S. M. de Ribeirão Preto, é dirigida por uma Diretoria composta por uma pleiade de afeiçoados, da qual é presidente o sr. Max Bartsch, um dos seus fundadores, muito conhecido e estimado, propugnador de grandes empreendimentos artisticos da rica cidade cafeeira.

A orquestra atualmente está formada de quarenta e cinco mûsicos. Nos programas já executados, figuram obras de grande valor, tais como: Beethoven, Egmont (abertura); 1.a Sinfonia, em dó M.; Haydn, Minueto da Sinfonia em mi bemol; Carlos Gomes, Bachanal Indiano de *O Guarany*; Prelúdio, Alvorada de "Lo Schiavo"; Raul Laranjeira, "Nossos Cantos"; A. Nepomuceno, Batuque; A. Levy, Suite Brasilienne; e muitas outras que bem denotam o altro criterio artistico imprimido nos programas organizados.

Sentimo-nos orgulhósos ao noticiar o crescente progresso dessa novel sociedade, cuja ação muito contribuirá para a divulgação da arte musical no interior do nosso Estado, tornando Ribeirão Preto um centro artistico importante no *hinterland* paulista.

* * *

AUDIÇÃO DE PIANO — realizou-se em 2 de setembro passado, uma bem organizada audição de piano a cargo dos alunos da competente profra. Maria Ribeiro.

Recital de Eurico A. Costa

Realizou-se em 24 de novembro p.p. no salão «Leopoldo Miguez», o 15.o Recital anual do ilustre violoncelista Eurico A. Costa, professor da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

Figuram no programa: L. Fernandez - Nocturno Elegiaco; Hilda Reis-Longe de Hespanha... (1.a audição); Hayon, Datzaner, Bach - Schroeder e Galuppi.

«Resenha Musical» estará presente na pessôa de seu ilustre correspondente na Capital do paiz, prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo.

Curiosidades

OUTUBRO:

1 — (1716), faleceu em Bergamo, o compositor João Batista Bassani; 2 — (1920), faleceu em Berlim o compositor Max Bruch; 8 — (1834), faleceu em Jarcy, Francisco Adriano Boieldieu; 13 — (1894), faleceu em Paris, o compositor A. Emanuel N. Chabrier; 17 — (1849), faleceu em Paris, o compositor e pianista Frederico Francisco Chopin; 25 — (1838), nasceu em Paris, Jorge Bizet.

NOVEMBRO:

3 — (1816), nasceu em Cerignola, Pasqual Bona; 6 — (1845), nasceu em Napoles, Beniamino Cesi; 10 — (1862),

é levada á cêna no Teatro Imperial Italiano em Petersburgo, a opera «Forza del destino», de Verdi; 12—(1834), nasceu em Petersburgo, Alexandre Borodine; 20—(1907), faleceu em Milão, o compositor Caetano Braga; 22 — (1710), nasceu em Weimar, Guilherme Friedman Bach, organista; 29—(1797), nasceu em Bergamo, Caetano Donizetti; 30 — (1813), nasceu em Paris, o compositor e pianista Carlos Alkan.

DEZEMBRO:

4 — (1849), nasceu em Modena, o flautista Ernesto Koehler; 8—(1863), Partiu com destino á Italia, pelo paquete inglez-Paraná, afim de estudar na Europa, com a pensão de 150$ mensais por 4 anos, o compositor brasileiro Carlos Gomes; 11 — (1803), nasceu Heitor Berlioz; 14 — (1788), faleceu em Hamburgo, Carlos Felipe Emanuel Bach; 16 - (1770), nasceu Ludwig Van Beethoven; 18 (1861), nasceu em Nova York' o compositor E. Mac Dowell; 26 — (1880), é levada á cêna no Scala, de Milão, a opera «Figlio Prodigo», de Ponchielli.

Recebemos e agradecemos:

«Revista da E. F. A.», n. 5, Junho e Julho, ano 1 — 1939, Araraquara—permuta;

«Villa Lobos», n. 2, Agosto, ano 2, 1939, Baurú, orgam da Academia Litero Musical Villa Lobos—permuta;

«O Trabalho», jornal, Araraquara — permuta;

«Correio da Tarde», jornal, Araraquara—permuta;

«Araraquara Literaria», orgam critico-literario, Araraquara—permuta;

«O Instituto», n. 64, ano 9, mensário do Instituto Gammon, Lavras, Minas Gerais—permuta;

«Belas Artes», n. 49-50, ano V, Junho e Julho—Rio de Janeiro — permuta;

«Som», n. 9, 938 - Natal, Rio Grande do Norte—permuta;

«Folha de Angatuba», jornal, Angatuba;

«O Democratico», jornal, Jaboticabal;

«Botucatú Jornal», jornal, Botucatú;

«Noticiario Ricordi», n. 8. ano 2, Agosto, 939, S. Paulo—permuta;

«Noticiario Ricordi», n. 9, ano 2, Setembro, 939, S. Paulo—permuta;

«Audição Musical», Colégio Kemper, 27 de Outubro — com um bem organizado programa.

Da Editora «*A Melodia*» - S. Paulo:

«Casa Destelhada» — Mus. do prof. Guilherme Leanza e letra de Rodrigues de Abreu; dedicada a Candido de Arruda Botelho, N. 10.262, preço 3$000.

Da Editora «*Impressora Moderna Ltda.*» — Facilitadas por Souza Lima:

Saint Saens, Dansa Macabra; Massenet, Elegie; Mendelssohn, Marcha Nupcial.

Revistas por Souza Lima: Chopin, Impromptu, op. 66; Daquin, A Andorinha;

Facilitadas por João Portaro: Chopin, Vibra em mim esta canção; João Portaro, Pequena Dansa Holandeza;

Revistas por A. Cantú: J. S. Bach, O Pequeno Livro de Ana Madalena Bach—n. 5388, preço 5$; Brahms, Dansa Hungara, n. 5—n. 3006, preço 3$; Mendelsshon, Canção da Caça, n. 3006, preço 2$500.

Revistas por F. Casabona: S. Motto, Praiana, n. 5380, preço 3$.

Para Côro: Fabiano R. Lozano — Os Sinos da Vila, preço 2$.

Dr. Amaro Egydio de Oliveira Filho

Cirurgião - Dentista

Aparelhos Raios X -- DIATERMIA

Rua Litero Badaró, 561, 3.º andar, sala 59- Fone, 5-5881

São Paulo

FULGOR — OCEANIA
ASPASIA — SEVERA
NEUSA

JUPIRA, optimo cigarro para $400
São productos da SUDAN.

SUDAN dá

Machinas de costura
Finos relogios
Valiosos apparelhos de radio
Optimas Bicycletas
Artisticos Jogos de Sala de Jantar, Quartos,
e Cheques em Dinheiro em quantidade.

E muitos outros valiosos brindes em quantidade

O MAIS É CONVERSA

Fuma FULGOR? — Se não fuma, fume desde logo, pois representa superioridade e excellencia em qualidade!

Os cigarros dos fumantes de fino paladar

Celina Sampaio e Gilda Gusso

Com o belíssimo concerto promovido pela Liga Cultural Brasileira e realizado na noite de 4 de Novembro, no Teatro Municipal, a nossa cidade viu jubilosamente aumentado com mais dois nomes jovens, porém, de valor, o seu extenso crivo em que figuram, nominalmente, as joias mais ricas e finas da cultura artistico musical de nosso paiz, que nos têm visitado.

Celina Sampaio e Gilda Gusso. Dois nomes que bem se casaram no desempenho do delicado e valioso programa.

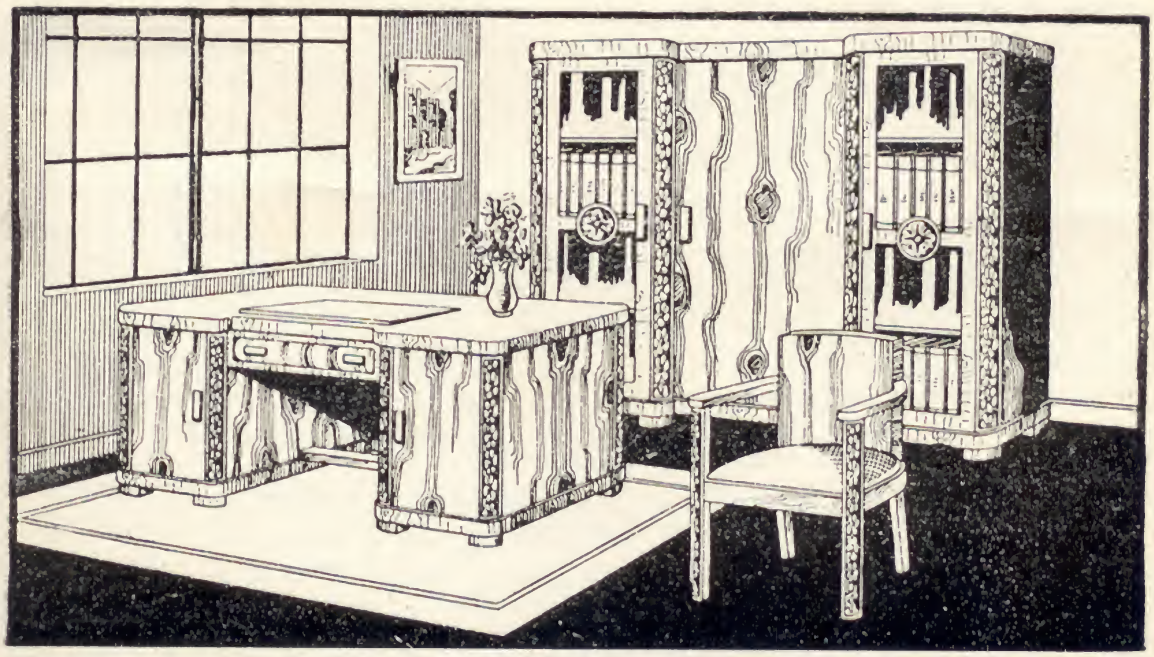
A primeira, discipula de Janacopulos, herdeira de uma Escola da mais alta estirpe, cantou com muito estílo e temperamento, obras de Felix de Otero, Ernani Braga, Gluck, Mozart e de outros grandes mestres. E a segunda, discipula da Escola Kliass, de firmado valor, interpretou com sua tecnica clara, embelezada por uma transparecencia de excelente efeito dinâmico, Chopin, Debussy, Toch e Moussorgsky.

Os aplausos prodigalisados ás jovens concertistas, exigindo diversos extras, comprovaram perfeitamente o agrado com que o numeroso publico acolheu a desenvolução do programa.

Foi este o primeiro concerto realizado nesta cidade pela Liga Cultural Brasileira, a qual assinalou-o com um gesto altruístico e simpatico: parte da renda foi destinada ao «ORFANATO N. S. DAS MERCÊS», de Araraquara. **C. de O.**

Raul Laranjeira e A. Tabacow

Integrando a Missão Cultural «Dr. Adhemar de Barros» os virtuoses Raul Laranjeira e Adolfo Tabacow deram um magnifico concerto em Araraquara, após terem visitado as cidades de Rio Preto, Catanduva e Taquaritinga.



MOVEIS CASTELLAN

Medalha de Ouro da Exposição de Araraquara

Rua 9 de Julho, 76 - Caixa Postal, 39 - Telefone, 463 - ARARAQUARA

Modificações introduzidas no Hino Nacional Brasileiro

RIO, 16 (Dos jornais) — A Comissão Inter-Ministerial, encarregada pelo governo, no principio dêste ano, de estudar a modificação no Hino Nacional, apresentou parecer.

Segundo se adianta, nas conclusões a que chegou a Comissão, com relação à parte musical foi conservada a mesma partitura, isentando-a de algumas deturpações.

Quanto à letra, ficou mantido o poema de Osório Duque Estrada que desde 1909 começou a ser cantado em nossas escolas, sendo oficializado em 1922, com algumas modificações introduzidas nessa ocasião, agora invalidadas pela Comissão, sob o fundamento de que tais emendas, ao envés de melhorá-la tornaram-na menos expressiva e prejudicaram-lhe a eufonia em alguns pontos.

Foi tambem abolida a segunda parte do poema.

O parecer da Comissão Inter-Ministerial justifica assim a medida:

"A abreviação do hino corresponde exigência de ordem psicológica, reconhecida em muitos países: — não ultrapassar a capacidade de exaltação humana, sob pena de rápido arrefecimento do entusiasmo despertado".

Quanto a instrumentação, será aberto concurso para redução da partitura de orquestra, destinada a pequenos conjuntos.

Dia da Musica

O Conservatorio D. e Musical de Araraquara, fará realizar em 25 de Novembro, no Teatro Municipal, como nos anos anteriores, a festa em louvor de Sta. Cecilia, que ocorre em 22 de Novembro. Para essa festa que vem sendo aguardada com desusado interesse, foi organizado um magnifico programa a cargo de alunos. Será levada á cêna a delicada opereta em 1 ato, de autoria do maestro J. Tescari, denominada «Escola da Aldeia».

No dia 26, em proseguimento, será inaugurado em uma das novas salas de aula do Conservatorio, o retrato do notavel compositor patricio Padre José Mauricio Nunes Garcia, trabalho do prof. Eduardo Bevilacqua.

Discorrerá sobre a personalidade do grande musico, o sr. Carlos Rocha, aluno do Curso de Historia da Musica. Nesse mesmo dia, será celebrada missa solene, durante a qual será cantada a Missa em Si bemol de José Mauricio.

Os convites já estão sendo distribuídos pela Secretaria do Conservatorio local.

Aniversario de "Resenha Musical"

A Redação de "Resenha Musical" agradece aos seus inumeros leitores e amigos as felicitações enviadas pela passagem do seu primeiro aniversario.

-- PERMUTA --

Leia e assine RESENHA MUSICAL
Assinatura anual 12$000

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'égange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews.
Wir wuenschen den Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften einzurichten.

Resenha Musical
Caixa Postal n. 18
Araraquara